

E se Deus nos desse o seu Coração?



*Jerusalém, Basílica do Santo Sepulcro,
Ícone de Cristo no Calvário*

Queridos Irmãos e Irmãs cistercienses,

Este ano envio uma “Carta de Quaresma” em vez de uma “Carta de Pentecostes”, porque o tempo da Quaresma, como nos aconselha São Bento, é mais oportuno para ler e meditar, e o período após Pentecostes é, para muitas comunidades, sobretudo aquelas que têm os ministérios educacionais e pastorais, um tempo de “fim de ano”, já bastante ocupado.

Acima de tudo me apressava comunicar, sem muito esperar, aquilo que experimentei durante a peregrinação à Terra Santa, que tive a graça de viver no período de 30 de dezembro de 2013 a 9 de Janeiro de 2014, fruindo do acolhimento fraterno e generoso das comunidades franciscanas que guardam os lugares sagrados da vida do Senhor.

A corda e o vazio

Eu nunca tinha tido a oportunidade de visitar a Terra Santa. Fui levando comigo, tudo aquilo que, nestes três anos como abade geral, suscitaram em mim, e evidentemente, tendo presente no pensamento e oração, as comunidades de nossa Ordem, com suas alegrias e sofrimentos. Das minhas frequentes visitas às nossas comunidades – e ainda não consegui visitar todas – depreendo uma crescente incerteza sobre onde chegaremos nos próximos anos e décadas. Muitas vezes o que nos suscita boas expectativas é aquilo que depois nos decepciona mais, enquanto que daquilo que humanamente esperamos pouco, ou nada, se revela incrivelmente frutífero. Muitas vezes as realidades aparentemente mais frágeis são também aquelas às quais o Senhor pede mais, “tentando” com várias provas e ameaças, externas e internas, às suas próprias sobrevivências. Parece-me que vivemos como que pendurados por uma corda de esperança, melhor, que caminhamos sobre ela, mas caminhar sobre uma corda somente é possível se nos concentrarmos em sua solidez, e não sobre tudo aquilo que ameaça nos fazer cair no vazio. Eu nunca andei sobre uma corda bamba – acho que não estaria aqui escrevendo! – mas acho que toda a arte dos equilibristas consiste em superar a vertigem, portanto o medo do vazio.

A vertigem é o temor de cair, de não ter apoios de segurança, é, portanto, o medo de que o vazio possa nos possuir mais do que aquilo ao qual aderimos. O equilibrista para continuar e não cair no vazio tem somente a corda para aderir, e adere tão bem e com tal confiança em sua solidez, que a corda é suficiente para caminhar, para ir adiante, apesar de tudo. Toda a sua arte não consiste em pretender ou sonhar de saber voar, isto é, de dominar o vazio, mas em concentrar suas forças, na atenção da sua pessoa e de seu movimento para estar em equilíbrio sobre a corda que o sustenta.

Também na Ordem, quem se concentra com simplicidade e humildade em caminhar sobre a corda que o leva, vai adiante e pode ir longe. Aquele, ao invés, que se sente muito seguro, e tem a pretensão de saber voar, não progride, e antes ou depois, cai como Ícaro. “Portanto, aquele que julgar estar de pé, tome cuidado para não cair!” (1 Cor 10,12).

A sensação de vertigem, o medo do vazio, o temor que a corda não suportasse, e que não fosse possível continuar, por muito tempo, a caminhar sobre ela, cresceram em mim durante o ano passado, também por causa de vários acontecimentos da Ordem que, infelizmente, não nos foi possível sanar. Com certeza, os testemunhos do Papa Bento XVI e Papa Francisco foram e são um grande conforto para todos, mas percebia que a angústia de um certo vazio estava ganhando meu coração.

A palavra do Esposo

Na Terra Santa, desde os primeiros dias em Jerusalém, em particular na basílica do Santo Sepulcro, a emoção em mim foi intensa. Ao mesmo tempo, porém, quanto mais frequentava os lugares mais sagrados do cristianismo, tanto mais devia reconhecer que não era realmente consciente daquilo que representavam, e dos acontecimentos que ali, justamente ali, tinham ocorrido; que ali Cristo tinha morrido, que ali havia sido sepultado e ali ressuscitou, que ali se encontrou com Maria Madalena e as outras mulheres, que ali correram Pedro e João... Sentia que o Senhor queria me oferecer algo mais do que apenas emoções.

Na manhã do terceiro dia, depois de celebrar a Eucaristia das quatro e meia sobre o Túmulo de Cristo, fui até ao Calvário para rezar Vigílias. Havia já muitas pessoas, as Missas e os grupos se sucediam. Consegui sentar-me em um canto, à direita do belo Crucifixo do Calvário, diante do ícone da Virgem Maria que está do lado da Cruz. Naqueles dias do tempo de Natal, o primeiro Noturno do Ofício monástico oferece a leitura do Cântico dos Cânticos. Uma frase me tocou profundamente, como se me dissesse o próprio Jesus da Cruz: “Tu roubaste meu coração, minha irmã, noiva minha, tu roubaste meu coração com um só de teus olhares!” (Ct 4,9)¹.

¹ Nas várias línguas existem diversas traduções interpretativas desta palavra do Cântico dos Cânticos. A tradução literal do texto hebraico é: “Tu tomaste meu coração, minha irmã, óh jovem esposa, tu tomaste meu coração, com um só de teus olhos”.

De repente, percebi que nesta frase do Cântico dos Cânticos, Cristo nos diz tudo, e descreve tudo o que Nele nos vem doado e pedido. Naquela frase tinha o segredo da posição correta diante Dele, da verdadeira consideração de seu mistério, também visitando cada lugar onde Ele viveu. Naquela frase percebia a síntese do Evangelho, do mistério cristão, e o essencial da nossa vocação de batizados, monges e monjas.

Tomar o Coração de Cristo

O que nos diz, de fato, o Senhor através desta palavra do esposo à esposa do Cântico dos Cânticos? Diz-nos que seu Coração nos foi doado; que o seu Coração se deixa tomar, ou melhor, “roubar”. E o preço deste dom imenso, sem medida – o que nos pode ser maior e mais importante que possuir o Coração de Deus?! – é um simples olhar, o meu olhar, o nosso olhar: "Tu me roubaste o coração com um só de teus olhares!".

Um só olhar é suficiente a Jesus para nos deixar tomar seu Coração, isto é, seu amor, sua vida. Apenas um olhar, um simples instante de atenção a Ele, endereçado a Ele, e sua resposta é o dom do Seu Coração. Dá-nos, nos deixa: é nosso! E isto significa que podemos viver com seu Coração, amar com o seu Coração, rezar com o seu Coração, pensar com o seu Coração, se alegrar e sofrer com o seu Coração.

Veio-me imediatamente à mente a palavra do profeta Zacarias citado por João após o transpassar do lado: “Olharão para aquele que transpassaram” (Jo 19,37; Zc 12,10). Imediatamente depois de sua morte, Jesus deixou-se raptar o coração também pelos soldados romanos que o tinham torturado e crucificado. Não há limite, não há exclusão na gratuidade do dom a todos, do Coração de Cristo.

O lado está aberto, o Coração é acessível, à nossa disposição; a ferida é tão grande que poderia entrar a grande mão de pescador do incrédulo Tomé (cf. Jo 20,27). Cristo deseja que tomemos seu Coração, veio para isto, viveu para isto, morreu e ressuscitou para isto. Descobrimos, então, que tudo na nossa vida acontece para atrair o nosso olhar a Ele e para termos seu Coração em nós.

Cristo, com esta frase, confessa seu amor louco por toda criatura humana. Todo o Evangelho, toda a história da mística cristã, testemunha quanto o Senhor encarnou e expressou, em cada ocasião, esta paixão pelo homem, sem reservas no dom de si. Todos os encontros com Cristo, todos os olhares a Ele no Evangelho, são como o desenrolar deste versículo do Cântico; mas também as experiências e testemunhos escritos de nossos padres e madres cistercienses, em particular das místicas como Lutgarda, Matilde, Gertrudes, são uma ilustração viva deste mistério.

Não devemos, também nós, colocar no centro da nossa vida, da nossa vocação, o encontro com Jesus, até a consequência extrema do dom de Seu coração à nossa miséria? Em Jerusalém, lembrei-me da etimologia agostiniana do termo latino “*miseriórdia*”: “*miseris cor dare*”, dar o coração aos miseráveis. É isto que faz Deus, que Deus quer fazer, no Filho crucificado e ressuscitado. E não é somente uma metáfora, uma imagem sentimental e piedosa. Em Cristo, todo o Cântico dos

Cânticos, do poema da paixão amorosa entre o homem e a mulher, tornou-se um acontecimento real entre o Coração de Deus e o coração do homem, entre Cristo e a alma. Ele nos dá realmente o seu Coração, nos dá como fonte de vida, nos dá realmente e sacramentalmente na Eucaristia. A Eucaristia, como o coração humano, é um mistério de Carne e de Sangue, oferecidos para dar vida a todo o corpo da Igreja. São Paulo descreveu aos Gálatas a experiência deste mistério: “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim. E esta vida que agora vivo, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gl 2,20).

Podemos definir a vida cristã como um viver com o Coração de Cristo, isto é, uma vida na qual Jesus, através do batismo e da graça do Espírito Santo, se torna o sujeito interior novo da existência humana, mais nós de nós mesmos, porque somos “criados em Cristo Jesus” (Ef 2,10). Quando Paulo escreve aos Efésios que por meio da fé, Cristo habita em nossos corações (cf. Ef 3,17), ou nos convida a ter os mesmos sentimentos de Cristo Jesus (cf. Fl 2,5), é sempre como se descrevesse o dom do Coração de Cristo, que nos foi ofertado para viver em nós.

O fulcro da conversão

Este mistério é o fulcro da verdadeira e constante conversão cristã. O Espírito nos transforma, não somente porque nos permite comportar-nos bem, fazer boas obras, de amar, de possuir várias virtudes. Tudo isso, nada mais é que a consequência e a irradiação de um acontecimento interior, que nos foi dado para podermos viver com o Coração de Cristo. É a partir dessa consciência que inicia a conversão, a nova vida, uma relação nova com todos e tudo. O novo homem que o Espírito forma em nós (Ef 4,23-24; Cl 3,10), nasce de um coração novo, o coração de carne que Deus substitui ao nosso coração de pedra (Ez 36,26-27). Porém, este coração de carne, animado pelo Espírito de Deus, é antes de tudo, o Coração de Cristo, o Coração que a misericordiosa graça do Pai coloca em nós, por meio do Espírito, a fim de que o Filho viva em nós.

Os nossos antigos padres e madres cistercienses tinham um forte sentido desta mística cristológica, que para eles era a alma da nossa vocação cristã e monástica. Muitas vezes acreditamos que a santidade e radicalidade com a qual viviam a vocação, eram devidas, antes de tudo, às suas excepcionais força e virtude, mas a razão mais profunda estava na profundidade de seus relacionamentos com o Senhor, isto é, na mística sponsal com a qual viviam unidos a Ele. Por isso que o Cântico dos Cânticos era o livro bíblico preferido deles, porque estimulava e descrevia a experiência interior que irradiavam ao longo de suas vidas.

A verdadeira crise da vida cristã, da vida monástica e religiosa, não é uma crise das formas, mas da substância. Vivemos dispersos não porque nos falta virtude, disciplina, coerência, mas porque nos falta experiência mística em nosso relacionamento com Cristo. Para nos desculpar, situamos a mística cristã na estratosfera, como se fosse somente coisa dos anjos ou dos homens e mulheres angélicos, que não têm os pés no chão. Ao invés, a mística cristã nada mais é do que

a possibilidade inaudita, mas real, de raptar o Coração de Deus e de viver com este Coração a nossa existência de todos os dias. A possibilidade desta experiência é imediata, não por nossa virtude, mas pela misericórdia de um Deus que se fez homem e morreu por isto, para colocar o próprio Coração ao alcance do nosso olhar de pecadores e deixar-se roubar por este.

A conversão da nossa vida deve sempre renascer da surpresa desta possibilidade da relação íntima com o Senhor. Uma relação íntima que não é intimista, porque se Cristo nos dá seu Coração, não é possível que este Coração viva em nós, sem nos transmitir o seu amor universal, sem nos comunicar o seu dar-se por todos, o seu amar e perdoar a todos e, sobretudo, quem não amamos, as vezes nós mesmos, até o mais desagradável de nossos “inimigos”; mais o Coração de Cristo nos torna íntimo, mais nos concede alcançar, como diria Papa Francisco, as periferias extremas de quem não é amado, em nossa comunidade e no mundo.

Retornar à fonte da vida

As palavras do Esposo do Cântico dos Cânticos, “Tu roubaste meu coração com um só de teus olhares”, porém, nos faz entender que esta conversão se concentra toda na fonte que é o dom do Coração de Cristo, acolhido com apenas um nosso olhar. Para que a nossa vida mude, à imagem do amor universal e misericordioso de Deus, não nos é pedido tanto um trabalho sobre nossos deveres, nossa generosidade, mas sobre aquele único nosso olhar, do qual Deus dá o poder de raptar-lhe o Coração. É necessário voltar ali, a esta fonte, a esta “única coisa necessária”, a esta “melhor parte” da nossa vida e vocação, caso contrário, nos preocupamos e agitamos em vão (cf. Lc 10,41-42).

São Bento, no capítulo 49 da Regra, onde trata da Quaresma, nos diz, em síntese, que a Quaresma é o tempo em que voltamos para a verdade e pureza da nossa vocação. Não é um tempo para fazer mais, mas para redescobrir os pilares essenciais da nossa vida monástica e cristã; é um tempo de voltar à fonte. E sabemos que São Bento afirma que deveríamos sempre viver assim (cf. RB 49,1). Talvez aquilo que deveria sempre ser vivido como na Quaresma, não é somente a observância ascética e penitencial, mas mais radicalmente a decisão de “retornar”, retornar, sobretudo, às fontes de nossa vida em Cristo. O monge e a monja, na Igreja, deveriam ser o sinal que o retorno à fonte é sempre possível, que a conversão pode sempre recomeçar. Não é importante se preocupar em dar testemunho de grande santidade e ascese, porque isto é graça, mas dar sempre testemunho que o retorno ao essencial, aquilo que dá vida, é sempre possível, e no fundo simples, porque basta, justamente, “um nosso olhar” a Cristo. E a nova vida, a vida ressuscitada, está toda no dom do Seu Coração, que coincide com o dom do Espírito que em nós grita “Abbá, Pai” (cf. Gl 4,6).

É esta a verdadeira Páscoa da vida pessoal, comunitária e na vida do mundo, o Pentecostes permanente no mistério da Igreja e do carisma o qual pertencemos.

Ajudamo-nos a oferecer a Cristo, aquele único, pobre e humilde nosso olhar, que recebe d'Ele aquele dom maior? A vida de oração e a vida fraterna de nossa comunidade, e de cada um de nós na comunidade, nos educa para isso? Lembramo-nos desta graça? Temos ainda, em nossos dias e em nosso coração, o tempo e silêncio necessários para corresponder com apenas um olhar ao Senhor crucificado e ressuscitado, que nos doa o seu Coração, sua vida, seu amor divino, filial e fraterno? E percebemos que também cada irmão e irmã que encontramos, especialmente naquele mais miserável, é o próprio Jesus que mendiga, pelo menos, um olhar para nos dar o seu Coração?

Estas são as perguntas que devemos nos fazer antes de todos os problemas que pensamos ter de resolver. O digo, antes de tudo, para mim mesmo, mas vejo e creio que é importante para todos.

É aquilo que afirma, com força, Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, em particular, nos parágrafos 264-267: “precisamos de nos deter em oração para Lhe pedir que volte a cativar-nos. (...) Como é doce permanecer diante dum crucifixo ou de joelhos diante do Santíssimo Sacramento, e fazê-lo simplesmente para estar à frente dos seus olhos! Como nos faz bem deixar que Ele volte a tocar a nossa vida e nos envie para comunicar a sua vida nova! (...) Por isso, é urgente recuperar um espírito *contemplativo*, que nos permita redescobrir, cada dia, que somos depositários dum bem que humaniza, que nos ajuda a levar uma vida nova. Não há nada de melhor para transmitir aos outros.” (§ 264)

Também cada mosteiro é chamado a evangelizar o mundo, mas principalmente dar testemunho vivo da fonte de toda evangelização, que é a comunhão com o Coração de Cristo sedento para salvar o mundo.

Caríssimos, fiz questão agora de comunicar simplesmente a consciência que tomei na minha peregrinação à Terra Santa. Desejo aprofundá-la nos Capítulos do próximo Curso de Formação Monástica. Enquanto isto, durante esta Quaresma e na alegria da Páscoa, permaneçamos unidos no desejo de oferecer a Cristo crucificado e ressuscitado aquele único olhar que rapta, possui e compartilha com todos o dom infinito do seu Coração!

Vosso,



*Ir. Mauro - Giuseppe Lepori
Abade Geral OCist*